

RONDA DE SOMBRAS EM FLORENÇA

A sombra de Lourenço o Magnífico, alonga-se, toda proporcões gigantescas, enche de esplendor a esplendorosa Florença.

Naquella harmoniosa Praça da "Signoria", tendo por fundo o majestoso Palácio "Vecchio", a fonte de "Nettuno", a estátua equestre de Cosimo I e a "Loggia dei Lanzi", entre uma multidão de estátuas animadas pelo génio dos artistas do maravilhoso século XV, o meu espírito retrocede ao período áureo do desenvolvimento intelectual e artístico em Renascença italiana: criadora do Humanismo, quando outros povos da Europa não haviam saído ainda da Idade Média.

O teatro é já uma revelação em Florença.

O mais ilustre dos Medicis, requintado e grande Senhor, ao mesmo tempo político e artista, poeta de inspiração umas vezes delicada, outras vezes sagaz mas sempre elegante, assiste à sua sacra representação "San Giovanni e Paolo" que, não sendo ainda o verdadeiro teatro, é poesia plena de conceitos.

Chamam "festas" a estas representações, que marcam o intelectualismo das obras sacras, pois todos os dramas da época envolvem acontecimentos sagrados e são sucessoras das "laude" representadas nos adros das igrejas, nos tempos medievais.

Imagino-os como foram, os cenários em cuja construção trabalharam, a convite de Lourenço de Medicis, alguns dos mais notáveis pintores como Domenico Chirlandaio e Filipe Brunelleschi.

Dentro da mole imponente do Palácio "Vecchio" move-se diante de mim o príncipe dos humanistas italianos, Poliziano, amigo íntimo do Magnífico e frequentador da sua corte — depois de ter sido considerado um menino prodígio de sabedoria.

Concentro-me nos meus pensamentos e outra sombra gigantesca se alonga, cresce extraordinariamente: Miguel Angelo, cuja mão genial, esculpindo o seu "David", lhe emprestou vida e espírito, numa insuperável harmonia de linhas.

Recomponho a sua vida e ele apresenta-se-me fechado num invulgar orgulho, a debater-se entre diabólica excitação dos sentidos e um puro ideal de voluntário ascetismo, cheio de fé na sua força criadora que há-de assombrar o mundo. Prodigioso e teimoso adolescente ainda, ele apresenta-se-me, também, depois de ter recebido lições de pintura de Chirlandaio a aprender com mestre Bernardo a arte de que há-de se tornar incontestado: a escultura.

Quantos criadores de beleza trabalharam por Lourenço de Medicis!

Apenas Leonardo da Vinci recusou trabalhar por o brilhante Mecenas, porque o Magnífico exigia respeito servilismo daqueles que para ele trabalhavam e o carácter de Leonardo não se adaptava a uma condição servir. É depois da morte de Lourenço que Leonardo pinta, para a Igreja de Santa Maria Annunziata, um quadro que representa Santa Ana e a Virgem, contrabando com a sua arte de titã, com a sua personalidade, a mais forte e a mais completa que enriquece a extensa galeria de génios do último quartel do XV e do primeiro do século XVI, para embelezar a cidade berço de alguns dos mais notáveis artistas de que se orgulha a Itália. É ainda em Florença que ele pinta o famoso retrato de Monna Lisa del Giocondo — a Gioconda, retrato que o acompanha no exílio e é a sua mais querida obra.

Simultaneamente, estranho, truculento, satânico, traícoeiro, cínico e desconcertante, surge o antigo secretário de Estado, Nicolau Maquiavel, trazendo na mão "O Príncipe", um dos mais debatidos livros de todos os tempos, cujas lições têm sido seguidas por muitos daqueles que, subindo ao poder, governaram num regime de tirania.

Surge depois Frei Girolamo Savonarola, místico e revoltado contra as heresias do século (contra o luxo, o nu das estátuas e das telas, a vida faustosa da corte e a devassidão dos costumes) que, com o seu verbo e a sua existência austera proclama o regresso ao primitivismo cristão. A arte é sacrificada. E eu vejo nas ruas e nas praças desta maravilhosa Florença o povo aterrado a fazer o auto de fé das vaidades — e vejo a seguir a fogueira em que foi queimado Savonarola.

Que extraordinária ronda de imortais se movimenta sob o céu de Florença!

Aqui a casa dos Alighieri, a velha casa que os meus olhos contemplam e que enternece o meu espírito. É necessário retroceder aos fins do século XIII e princípios do século XIV. Dante nasceu naquela casa — mas repousa em Ravenna — e é outra gigantesca sombra gloriosa da eterna Florença.

A sua "Vita Nuova" é uma expressão de puríssima humildade, de adoração cheia de fervor; de amor que não morre porque o inspirou o sonho: o objecto amado apresenta-se-lhe como um ser sobrenatural, divino. E a sua "Divina Commedia", a Bíblia da pátria, que ultrapassa os limites da inteligência humana, traz até nós uma luz inapagável que nos guia através do mundo dos vivos e dos mortos, numa clarividência e numa alucinação que se conjugam e se completam.

Nada trai a serenidade e a harmonia da cidade se-

nhoril, bellissima entre as mais belas cidades do mundo.

Olho aqui o passeio, olho o banco em que Dante, menino de 9 anos, viu pela primeira vez a figura dulcíssima e inesquecível de Beatriz Portinari, menina quasi da sua idade. Outros passos andados e transporto-me a 9 anos mais tarde. Descubro Dante revendo Beatriz, a sua inspiradora, a musa que foi a mais eleita das mulheres porque foi a que mais alto subiu na divinização que a ergueu uma grande alma de homem. Vejo-a passar e ouço, na voz de Dante, os versos magníficos:

Tanto gentile e tanto onesta pare
La donna mia quand'ella altrui saluta,
Ch'ogni lingua divien, tremando, muta,
E gli occhi non ardiscon di guardar.
E par che dalle sue labbia si muova
Uno spirto soave e pien d'amore,
Che va dicendo all'anima: sospira."

Agora, aquele que eu vejo, é o mais novo dos homens famosos que nasceram ou viveram em Florença: Hugo Foscolo, o poeta extraordinário. Foi aqui que conheceu Quirina Mocenni-Magioli, a única mulher que verdadeiramente o amou e tudo lhe sacrificou.

— que foi um oasis de paz na sua inquieta e torturada vida.

Vou seguindo os caminhos trilhados pelos imortais. Palácios, galerias de arte, igrejas, monumentos... a própria cidade é um museu: é uma alma penetrante feita de muitas almas contemplativas.

O sol entorna oiro a jorros sobre os "campanili" os zimbórios das igrejas e as velhas pedras dos palácios que o tempo enegreceu, embelezando-as; põe chispas doiradas na fita amarela esverdeada do Arno e nas velhas pontes, cujo nome evoca mil imagens do passado; espalha fulgurações no verde dos parques e além, nos longes montanhosos que, ao entardecer, tomam tons anilados, longes salpicados do ocre das casas que nela se reclinam, dispersas.

Do outro lado do Arno, na Praça Miguel Angelo, no monumento que a edilidade agradecida consagrou ao extraordinário artista, a reprodução em bronze do seu "David", olha a cidade harmoniosa e orgulhosa de um dos seus mais dilectos filhos.

E a minha imaginação cansada de tanta beleza e de tanta grandeza, deixa-se adormecer sem regressar ao presente.

Arminda Gonçalves
(Portugal)